

# Na frente do Palácio, poucos sinais da tragédia que matou quatro pessoas

BELO HORIZONTE — Quem passasse pela Praça da Liberdade ontem no final da manhã não poderia ter a dimensão da tragédia da qual ela foi palco menos de 24 horas antes. Havia estragos nos canteiros, galhos de árvores e arbustos amontoados a um canto, mas funcionários do Departamento de Parques e Jardins da Prefeitura já começaram a reparar as avarias, trabalho que deve durar quatro dias. O lixo já havia sido recolhido pelos garis. A Alameda Travessia retomava seu aspecto rotineiro: pessoas nos bancos, crianças jogando bola, gente cortando caminho em direção ao centro ou à Savassi (ponto elegante de Belo Horizonte).

No Palácio da Liberdade, alvo do tumulto que envolveu mais de 100 mil pessoas ansiosas por ver o corpo do Presidente Tancredo Neves (com saldo de quatro mortos e 271 feridos, segundo dados ofi-

ciais), funcionários cuidavam de limpar os vestígios das cenas de dor, comoção e desespero ocorridos até poucas horas antes. O serviço de som foi retirado, as coroas de flores e ramalhates, enviados por amigos e admiradores do Presidente, foram despachadas e o pátio limpo com presteza. As grades móveis, sob as quais quatro pessoas morreram pisoteadas, foram empilhadas atrás do Palácio.

O povo, na praça, estava triste e perplexo. Porque perdeu seu Presidente, porque não entende a tragédia que vitimou quatro famílias mineiras.

— O que aconteceu foi um absurdo — lamentava a funcionária Maria da Conceição, que fazia ali a sua hora de almoço, como de hábito. Ela não participou da manifestação de terça-feira, preferindo a segurança de sua casa e o conforto da televisão.